

**Artigo****INTELECTUAIS NEGROS(AS) E NEGROS(AS) INTELECTUAIS:  
BREVE REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO****BLACK INTELLECTUALS AND BLACK INTELLECTUALS: BRIEF REFLECTION  
ON THE CONCEPT****INTELECTUALES NEGROS E NEGROS INTELECTUALES: BREVE REFLEXIÓN  
SOBRE EL CONCEPTO****Paulo Marcos Pereira****Resumo**

O presente ensaio é uma reflexão que sobre o conceito de intelectual quando atribuído a pessoas negras. Objetiva inventariar as principais contribuições de alguns autores para o debate sobre intelectuais, a partir de uma revisão bibliográfica. Inicialmente trataremos do uso do termo intelectual no sentido mais amplo. E em seguida, focaremos nossa atenção na complexidade e implicações do uso do termo intelectual no caso de pessoas negras, tratando ainda das variações encontradas na literatura consultada: intelectual negro, negro intelectual e negro-intelectual.

**Abstract**

This essay is a reflection about the intellectual concept when it is assigned to the black people. It aims to list the main contributions of some authors to the debate about intellectual from a literature review. Initially, we will talk about the usage of intellectual term in the broad sense. After that, we will focus our attention on the complexity and the implications of intellectual term usage from the black people case and we will address the variations found in the literature that was consulted: intellectual negro, negro intellectual e negro-intellectual.

**Resumen**

Este ensayo es una reflexión sobre el concepto de intelectual cuando se atribuye a los negros. Su objetivo es hacer un inventario de las principales contribuciones de algunos autores al debate sobre intelectuales, en base a una revisión bibliográfica. Inicialmente trataremos el uso del término intelectual en el sentido más amplio. Y luego, enfocaremos nuestra atención en la complejidad e implicaciones del uso del término intelectual en el caso de las personas negras, también abordando las variaciones encontradas en la literatura consultada: intelectual negro, intelectual negro e intelectual negro.

**Palavras-Chaves:** Intelectual; Intelectual negro; Negro intelectual; Negro-intelectual.

**Key words:** Intellectual; Black intellectual; Intellectual black; Black-intellectual.

**Palabras clave:** intelectual; Intelectual negro; Negro intelectual; Intelectual-negro.

**INTRODUÇÃO**

Existe uma quantidade significativa de estudos sobre intelectuais, mas quando se tratam intelectuais negros(as) o volume ainda é pequeno. Vários são os pontos de vista a respeito do conceito de intelectual, os tipos e as funções que exercem na sociedade. Com relação aos indivíduos a quem atribui-se a denominação intelectual, percebe-se uma dificuldade da sociedade brasileira e da própria comunidade de intelectuais em atribuí-la a negros e negras. Historicamente, os(as) negros(as) exerceram e exercem funções de intelectuais,

mas até os dias atuais muitos destes indivíduos lutam ainda pelo reconhecimento de sua intelectualidade e validade de suas produções acadêmicas, científicas e culturais.

Em contrapartida, existe um esforço por parte de estudiosos(as), pesquisadores(as) (boa parte negra) em discutir esse problema e tencionar no intuito de desconstruir imagens negativas dos negros(as) e com o objetivo de legitimar a demarcação de um local de fala da intelectualidade negra. Muitos partem da trajetória de vida de pessoas negras que produziram, escreveram, publicaram, ou que tiveram seus textos publicados no passado ou no presente. Outros focam as produções analisando-as de forma crítica no escopo das produções de intelectuais negros(as) ou não.

Percebe-se certa incompatibilidade entre a relevância das produções destes intelectuais negros(as) e o lugar que ocupam dentro dos espaços de produção de conhecimento. Muitos desses trabalhos são produções de alto relevo e tão consistentes do ponto de vista científico, literário quanto produções de intelectuais não negros.

Nesse sentido, colocamos em tela algumas questões para reflexão. Quais são os limites de denominações usadas para se referir aos negros(as) que exerceram ou que exercem funções de intelectuais, tendo em vista que tais denominações são carregadas de forte teor etnocêntrico? Por um lado, a compreensão das condições em que essas denominações são usadas pode ampliar o debate sobre os papéis exercidos por pessoas negras no universo das produções intelectuais sejam acadêmicas, de caráter e científico, sejam de cunho filosófico, político, literário e cultural etc. Por outro lado, constrói-se elementos discursivos consistentes capazes de balizar uma melhor compreensão e processo de redefinição do lugar ocupado pelos intelectuais negros(as) nas instituições, espaços de produção de conhecimento na atualidade.

Nesses termos, aos utilizamos essa denominação, fazendo referência a negros(as) descendentes de africanos podemos incorrer em um processo que merece uma reflexão mais aprofundada, pois aponta para a necessidade de descolonização da produção de conhecimento, para o acolhimento das produções intelectuais destes indivíduos negros sob outras formas de encará-las, sob outros referenciais epistemológicos. Nesse sentido, propomos uma reflexão sobre o uso dos termos “intelectual” atribuídos a várias pessoas negras, homens e mulheres de diferentes tempos e lugares, que atuaram e atuam em diversos espaços de produção de conhecimento. Portanto, inicialmente trataremos do uso do termo intelectual no sentido mais amplo, sem levar em conta a origem étnico-racial dos sujeitos em questão. E em seguida, focaremos nossa atenção na complexidade e implicações do uso do termo no caso de pessoas negras no Brasil, identificado na literatura consultada as variações encontradas: intelectual negro, negro intelectual e negro-intelectual. Por fim, objetivando vislumbrar algumas dimensões do uso destes termos tomaremos como foco o caso específico do negro baiano Manuel Querino (1852-1923).

## O CONCEITO DE INTELECTUAL

O termo intelectual, segundo Bobbio (1997) foi difundido inicialmente na França no final do século XIX em decorrência do caso Dreyfus. Um episódio em que um oficial de artilharia do exército francês, de origem judaica, Alfred Dreyfus,

foi acusado de vender segredos aos alemães no contexto da Guerra Franco-Prussiana. Sua condenação foi baseada em documentos falsos, e o escritor Emile Zola redigiu uma carta aberta ao presidente francês, defendendo sua inocência.

Os intelectuais sempre existiram em todas as sociedades com denominações diferentes. Hoje, aqueles(as) a quem chamamos de intelectual, “em outros tempos foram chamados de sábios, doutos, *philosophes*, literatos, *gens de lettre*, ou mais simplesmente, de escritores e, nas sociedades dominadas por um forte poder religioso, de sacerdote, clérigos” (BOBBIO, 1997, p.11).

Gramsci (1982) contribui para o debate sobre os intelectuais, apresentando duas categorias que considera serem mais importantes: os intelectuais orgânicos e os intelectuais tradicionais. Gramsci defende que “cada grupo social cria de modo orgânico uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político” (GRAMSCI, 1982, p. 03). Um exemplo desse processo, segundo Gramsci, se dá quando “um empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito etc., etc.” (GRAMSCI, 1982, p. 03-04). Os intelectuais tradicionais são aqueles preexistentes aos processos de criação dos intelectuais orgânicos, que, por sua vez, aparecem como representantes de uma continuidade histórica. Os eclesiásticos são a mais típica das categorias dos intelectuais tradicionais (GRAMSCI, 1982, p. 05).

Para Gramsci (1982, p. 06), todos os homens são intelectuais, mas adverte que nem todos desempenham a função de intelectual na sociedade. Portanto, não existem pessoas não-intelectuais, tendo em vista que cada indivíduo se envolve, de alguma forma e em algum momento, com algum tipo de atividade intelectual. Said (2005, p. 25) afirma que o intelectual é “um indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses” (SAID, 2005, p. 33) A questão central para Said “é o fato de o intelectual ser indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público.” Said acrescenta,

As representações do intelectual, suas articulações por uma causa ou ideia diante da sociedade, não têm como intenção básica fortalecer o ego ou exaltar uma posição social. Tampouco têm como principal objetivo servir a burocracias poderosas e padrões generosos. As representações intelectuais são a atividade em si, dependentes de um estado de consciência que é cética, comprometida e incansavelmente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isso expõe o indivíduo e coloca-o em risco. Saber como usar bem a língua e saber quando intervir por meio dela são duas características essenciais da ação intelectual. (SAID, 2005, p. 33)

Bobbio também questiona quais são os deveres e funções dos intelectuais numa sociedade e responde que a missão dos intelectuais é a defesa e promoção dos “valores supremos da civilização, que são desinteressados e racionais; na medida em que subordinam sua atividade aos interesses

contingentes, às paixões irracionais da política, traem sua missão” (BOBBIO, 1997, p. 32). Michel Foucault também participa deste debate sobre a função e o papel dos intelectuais, afirmando que o intelectual “seria a figura clara e individual de uma universalidade da qual o proletariado seria a forma obscura coletiva” (FOUCAULT, 2003, p. 42). E assevera que,

Há muitos anos que não se pede mais ao intelectual que desempenhe esse papel. Um novo modo de “ligação entre teoria e prática” foi estabelecido. Os intelectuais se habituaram a trabalhar não no “universal”, no “exemplar”, no “iusto-e-verdadeiro-para-todos”, mas em setores determinados, em pontos precisos que os situavam, seja suas condições de trabalho, seja suas condições de vida (a moradia, hospital, asilo, laboratório, a unidade, as relações familiares ou sexuais). Certamente com isso ganharam uma consciência muito mais concreta e imediata das lutas. E também encontraram problemas que eram específicos, “não universais”, muitas vezes diferentes daqueles do proletariado ou das massas (sic). (Foucault, 2003, p. 08)

Segundo Foucault (2003, p. 20), a figura do intelectual “específico” se desenvolveu a partir da Segunda Grande Guerra. Afirma que:

O intelectual não tem mais que desempenhar o papel daquele que dá conselhos. Cabe àqueles que se batem e se debatem encontrar, eles mesmos, o projeto, as táticas, os alvos de que necessitam. O que o intelectual pode fazer é fornecer os instrumentos de análise, e é este hoje, essencialmente, o papel do historiador. Trata-se, com efeito, de ter do presente uma percepção densa, de longo alcance, que permita localizar onde estão os pontos frágeis, onde estão os pontos fortes, a que estão ligados os poderes – segundo uma organização que já tem cento e cinquenta anos – onde eles se implantaram. Em outros termos, fazer um sumário topográfico e geológico da batalha... Eis aí o papel do intelectual. Mas de maneira alguma dizer: eis o que vocês devem fazer!

Esses autores citados acima ajudam a entender o papel que os intelectuais exercem na sociedade. Entre eles, Gramsci chega a se reportar aos intelectuais negros, mas sem apresentar uma reflexão aprofundada. Após comentar que nos Estados Unidos não houve intelectuais do tipo tradicional, Gramsci comenta:

Uma manifestação interessante deve ainda ser estudada nos Estados Unidos; trata-se da formação de um número surpreendente de intelectuais negros, que absorvem a cultura e a técnica americanas. Pode-se pensar na influência indireta que estes intelectuais negros podem exercer sobre as massas atrasadas da África, e na influência direta que verificaria se ocorresse uma destas hipóteses: 1) se o expansionismo americano se servisse dos negros nacionais e na extensão a eles do próprio tipo de cultura (algo similar já ocorreu, mas ignoro em quais proporções); 2) se as lutas pela unificação do povo

americano se agudizassem o êxodo dos negros e o retorno à África dos elementos intelectuais mais independentes e enérgicos e, portanto, menos a sujeitar-se a uma possível legislação ainda mais humilhante do que o costume atualmente difundido. (GRAMSCI, 1982, p. 20).

Sem perder de vista o tom eurocêntrico da fala de Gramsci ao se referir aos africanos como “massas atrasadas da África”, percebe-se que o autor sugere que a formação de intelectuais negros e negras nos Estados Unidos é um processo importante a ser estudado. Com isso mostra uma lacuna que vem sendo preenchida aos poucos por pesquisas sobre a trajetória de negros(as) que exerceram funções intelectuais.

### **INTELECTUAL NEGRO, NEGRO INTELECTUAL E NEGRO-INTELECTUAL: ALGUNS APONTAMENTOS**

Nos últimos anos vieram à cena trabalhos sobre intelectuais negros(as) preocupados em traçar trajetórias de vidas, em analisar suas produções, estabelecer relações entre estes e outros sujeitos, com o intuito de compreender melhor seus papéis sociais. A maior parte desta produção usa o termo intelectual negro(a) para se referirem aos indivíduos em questão. Outros preferem usar negro intelectual e Oliveira (2014) propõe o uso de negro-intelectual como substantivo composto, sem que nenhum dos termos esteja adjetivando ao outro. Mas quais as diferenças entre esses termos? Qual a importância desta distinção para o debate sobre intelectuais?

Silva propõe traçar as trajetórias de Abdias Nascimento e Milton Santos e conceitua intelectual negro. A autora pensa primeiro no “conceito de intelectual público para depois pensar a relação deste conceito com o de intelectual negro” (SILVA, 2010, p. 42). Silva afirma, que no Brasil, o intelectual negro tem uma especificidade em relação ao intelectual público. E explica usando a expressão “insurgência” que toma emprestada de Cornel West, para se referir a uma postura do intelectual negro que muitas vezes é o estopim para o desencadear de um processo de perseguições, cooptações, manobras e articulações em relação ao poder hegemônico. Apesar dessa insurgência, este intelectual negro, ciente do seu papel de cidadão busca estabelecimento de “parceria com os movimentos sociais e dialogar com a sociedade meios de efetivar ações político-sociais mais concretas e mais eficientes para o bem-estar principalmente de uma parcela da sociedade brasileira que sofre com as discriminações e com o racismo” (SILVA, 2010, p. 42).

Para Silva, este intelectual negro vive um dilema. Por um lado, vive num mundo, no qual a organização e o exercício da estrutura de poder são prioritariamente brancos. E por outro, buscam intervir a partir de seu trabalho dentro desta mesma estrutura. Nesse caminho, não existe escolha para aqueles que assumem o papel de intelectuais negros, pois “são chamados às suas funções através de uma autoimposição crítica à condição marginal, o que lhe assegura *status* junto à comunidade negra” (SILVA, 2010, p. 43). O conceito de intelectual negro que a autora opera em seu estudo

está fundado numa experiência negra explícita ou não explícita, colocada como ponto de partida para as formas de intervenção pública que o intelectual escolhe proceder na sociedade. O

intelectual experimenta um tipo de atuação sobre as coisas que lhe permitem entender a sua realidade e a realidade do mundo à sua volta, intermediada pelo pensamento crítico que reconhece, através dessa própria experiência negra, o sentido de uma ação política questionadora da responsabilidade de transformar os problemas enfrentados pelas pessoas negras em projetos alternativos que garantam aos afro-brasileiros condições de desenvolvimento econômico e social.

Oliveira (2014) também participa deste debate e analisa os processos em que negros(as) se constituem intelectuais. O autor começa sua análise refletindo sobre os termos “negro” e “intelectual”. Defende que o primeiro termo ainda é usado fazendo referência a pessoas “[...] julgadas, por muitos, como inferiores, sem cultura, desprovidos de educação, saúde, moradia, trabalho, lazer, além de carentes de outras condições necessárias à vida digna” (Oliveira, 2014, p. 26). Mas o segundo termo, “intelectual” é eivado de significados que apontam para a excelência, as capacidades, aos conhecimentos, portanto a elementos que se distanciam dos significados daqueles que podem ser atribuídos ao termo negro, como se existisse uma incoerência no uso dois (intelectual negro) atribuído a uma pessoa. A despeito disso, Oliveira comenta que

Não raro, nos espaços acadêmicos, perceber que minha intenção de pesquisa causava espanto: “negros intelectuais existem?” Era como se, por uma fração de segundo, até as pessoas “bem intencionadas” tendessem a associar que “ser intelectual” era incompatível e não poderia fazer do “ser negro.” (OLIVEIRA, 2014, p. 26)

Por isso, é que há urgência e necessidade de que seja fomentado este tipo de debate e pesquisas sobre negros intelectuais ou intelectuais negros (para os que preferirem dessa forma) legando a academia fortes argumentos que efetuem dois movimentos: que desconstruam imagens negativas dos(as) negros(as) e os reconheçam enquanto sujeitos capazes de desempenhar o papel de intelectual.

Oliveira, citando Mazrui (2010) afirma que

A sociedade ocidental constrói a cultura e a crença de que os negros/as não são dotados de capacidades intelectuais, não são aptos a pensar, filosofar, produzir ciências, entre outras formas de expressar conhecimentos, criatividade. São negros e negras julgados e, por que não dizer, condenados a serem representados apenas como força física, bruta irracional, sem cultura, semovente (OLIVEIRA, 2014, p. 26)

Oliveira acredita que este tipo de pensamento a respeito dos negros ainda influencia diversas gerações e destrói “qualquer forma de questionamento, de conhecer novas formas de possibilidades de interpretações sociais, étnico-raciais e culturais” (OLIVEIRA, 2014, p. 29). E para romper com esse pensamento, “é necessário descolonizar o poder e o saber que se querem dominantes” e “reconhecer a perspectiva dos colonizados, dos oprimidos” (OLIVEIRA, 2014, p. 29). Ressalta que o termo intelectual foi concebido por uma visão de mundo eurocêntrica, cujos sentidos têm por referência uma

epistemologia ocidental. Por isso, propõe-se incorporar a seu estudo a perspectiva africana do que sejam os intelectuais, “intelectuais africanos”, tendo como base obras de autores africanos que tratam de intelectuais. A princípio, segue a sugestão de Nei Lopes (2011) de usar palavras africanas que, ao serem traduzidos para o português, corresponderiam a “sábio” ou “mestre”, tais como: Nganga (Quibundo), Nlógi (Guicongo), Olüwa (Ioruba), Ologon (Ioruba), Onusafo (Twi [Axanete]).

Oliveira apresenta algumas formas de se referir aos negros. Segundo o autor, os negros intelectuais são denominados na literatura norte-americana como *African Intellectual*, e *Black Intellectual*. No Brasil, observa-se além do uso do termo “intelectual negro”, outros termos tais como “intelectual da diáspora africana”, “intelectual africano”. Com intuito de evitar mal-entendido ou confusão, Oliveira propôs usar “negros intelectuais” no caso de todos os que se reconhecem pertencentes ao Mundo Africano, Continente e Diáspora (OLIVEIRA, 2014, p. 86).

O emprego dos termos intelectual negro(a) é mais recorrente do que negro(a) intelectual na literatura sobre o assunto. Mas qual seria a diferença entre intelectual negro(a) e negro(a) intelectual? Por que alguns autores preferem empregar o termo negro(a) intelectual?

Santos (2007) apresenta como elemento diferenciador a defesa de que os(as) negros(as) intelectuais teriam sido tocados diretamente por uma ética da convicção antirracista e indiretamente “por meio de conversas, diálogos, trocas de informações e outras formas de contatos entre estes(as) intelectuais e os(as) ativistas dos Movimentos Sociais Negros; influencias essas, direta e indireta, que se refletem em seus trabalhos científicos e nas suas condutas acadêmico-intelectuais” (SANTOS, apud OLIVEIRA, 2014, p. 113). Nesses termos o(a) intelectual negro(a) seria aquela pessoa de ascendência afro-brasileira, mas não seriam militantes, nem simpatizantes ou influenciados pelos movimentos negros. Nesse sentido, Santos (2007) entende que ser negro(a) intelectual é um processo pelo qual passariam os intelectuais negros(as).

Gomes (apud OLIVEIRA, 2014, p. 113) por sua vez apresenta a seguinte distinção:

O **negro intelectual** pode ser todos/as os/as negro/as que produzem conhecimentos seja como engenheiros/as, médicos/as, poetas, sapateiros/as, borracheiros/as etc., em benefício de si próprio. Porém os/as **intelectuais “negros/as”** são aqueles(as) que produzem conhecimentos não apenas em benefício de si próprio/as, mas também em benefício da sua comunidade negra. [...] O/a intelectual negro(a) produz conhecimentos para fortalecer sua comunidade negra, para melhorar a condição de vida dos/as negro/as.

Percebe-se que Gomes e Santos têm posicionamentos diferentes e apresentam definições distintas. Para Gomes a distinção entre o significado de ser negro(a) intelectual e intelectual negro(a) reside na postura destes(as) em produzir conhecimento em prol apenas de si ou também em benefício de sua comunidade. Para Santos esta distinção estaria numa postura política de militância apresentada pelos negros intelectuais.

Essas duas combinações dos termos “negro” e “intelectual”, nas quais um termo antecede ao outro pode parecer irrelevante, mas trata-se um objeto de discussões que envolve uma complexidade que exige um cuidado por parte dos

estudiosos do tema. Os sentidos atribuídos a estes termos em cada forma em que são grafados não deve ser ignorada pelo pesquisador que se interessa pela produção e trajetória dos(as) negros(as) no Brasil. Além disso, estes sujeitos e suas produções, observados nos diversos contextos, histórico, político, cultural de um país marcado pelo racismo, são dotados de múltiplas características, o que torna difícil a tarefa de agrupá-los em intelectuais negros(as) ou negros(as) intelectuais.

Sem estabelecer diferenças entre essas formas de fazer referência a esse grupo de intelectuais, Oliveira, preocupado com a questão sugere pensar uma definição para “negro(as) intelectuais” com base na obra de autores africanos.

[...] a definição de negro(a) intelectual está pautada em pessoas negras que: se emanciparam, escapando da escravidão psicológica, física induzida pelo pensamento eurocêntrico; descolonizou e descoloniza mentes; são pessoas que passaram por instituições escolares e acadêmicas, mas são também pessoas sem escolarização, são pessoas capazes de representar anseios comuns aos negros e negras; organizar e unir grupos; são referências das comunidades de que são oriundos e participam; são pessoas que dialogam com a sociedade por meios de suas produções e atividades profissionais, políticas, artísticas, culturais, científicas, entre outras. São produtores(as) de artes, ciências, políticas e de ciência na perspectiva da população negra; são pessoas que atuam em espaços públicos com o compromisso específico com a população negra; são pessoas convictas com uma ética antirracista, integrantes do movimento social negro; que pensam, agem e produzem conhecimento em prol das comunidades negras. São indivíduos que por meios de suas experiências de negros e negras organizam, dirigem a população negra e a sociedade; são pessoas que se educam e proporcionam a outras a se educarem no combate ao racismo e as discriminações; são também acadêmicos que questionam os conhecimentos e os direitos pretensamente universais, por meio da produção, reflexão e intervenção, relacionando o ethos étnico-racial com o ethos acadêmico-científico, questionando e produzindo conceitos, categorias, teorias e metodologias em conexão com a população negra. (OLIVEIRA, 2014, p. 116)

Partindo desta definição e da compreensão dos limites de alcance desta, Oliveira defende o em seu estudo o conceito de “negro-intelectual”, no qual os termos negros são ligados por hífen ao termo intelectual, formando substantivo composto. Com base na pesquisa que desenvolveu, Oliveira observa que existem pessoas que “podem ser substancialmente negras e substancialmente intelectuais” (Oliveira, 2014, p. 167). O negro-intelectual é uma pessoa negra,

que se constitui como tal, desde a infância e são intelectuais que foram se constituindo com o compromisso com a comunidade negra, com estudos escolarizados e universitários, com o estudo do Movimento Negro, da sociedade, da realidade vivida.

Para Oliveira, (2014. p. 168)

Ao dizer “negro-intelectual”, estamos frisando um momento para a descolonização do saber e do poder branco e eurocentrado. Descolonizar rompendo com a lógica de que pessoas negras não possam ser intelectuais e se forem, devem negar aquilo que os constituem, ou seja, a sua negritude.

Essa última denominação apresentada por Oliveira se aproxima muito do perfil do intelectual militante vinculado a algum movimento negro e que atua na academia e na sociedade no combate ao racismo e defende a descolonização dos saberes e do próprio termo intelectual.

Uma questão importante escapa aos autores citados acima. Nesse contexto da intelectualidade negra poderíamos pensar em dois grupos. O primeiro, seria composto por aqueles que produziram seus textos, obras em diversos contextos e foram ou não reconhecidos em seu tempo, mas caíram no esquecimento ou não são reconhecidos como intelectuais na atualidade, portanto acenam para um campo promissor de investigações calcadas em reverter esse processo de esquecimento e reconhecimento. O segundo grupo, seriam aqueles que são reconhecidos como intelectuais e que estão vinculados a universidades, como professores e pesquisadores, poetas, jornalista, escritores engajados com a causa negra no país, que enfrentam o racismo dentro dos espaços de atuação e tem sua intelectualidade sob suspeita, alvo de olhares, gestos performáticos e simbólicos que a colocam em xeque constante. Estes vivem no seu cotidiano como se tivesse que provar a consistência científica de duas produções e provar sua intelectualidade.

## **MANUEL QUERINO, INTELECTUAL NEGRO OU NEGRO INTELECTUAL?**

Qual a operacionalidade dos termos intelectual negro e negro intelectual no caso específico de Manuel Raymundo Querino? Negro, baiano, professor, desenhista (profissional), funcionário público, político, abolicionista, jornalista e pesquisador da história das práticas culturais africanas na Bahia, da história de negros, artistas, da culinária baiana, Querino reúne estas e outras atribuições. Foi um dos pioneiros dos estudos sobre os negros africanos e seus descendentes na Bahia do final do século XIX e início do século XX, junto a autores como Nina Rodrigues.

Querino escreveu um conjunto modesto de textos, dentre os quais podemos destacar: *Artistas baianos* (1909), *As artes na Bahia* (1909) *Bailes pastoris* (1914), *A raça africana e seus costumes na Bahia* (1916), *A Bahia de outrora* (1916), *O colono preto como fator de civilização brasileira* (1918) *Candomblé de Caboclo* (1919) e *Homens de cor preta na história* (1923) e *A arte culinária na Bahia* (1928).

Os autores que se referem à Querino como intelectual não discutem ou justificam tal uso. Acreditamos que para atribuir o título de intelectual a um homem negro, que viveu a segunda metade do século XIX e início do XX, no Brasil escravista e do pós-abolição, requer uma explicação que possa ampliar o entendimento sobre o que é ser um “intelectual” e até que ponto pode-se atribuir essa denominação a um negro naquele contexto. Naquele período, que lugar os negros africanos e afrodescendentes ocupavam na sociedade brasileira? Exerciam funções correspondentes a de um intelectual à época? Eram reconhecidos como tais pela sociedade e intelectualidade dominante? São

algumas questões pertinentes a serem levantadas, embora não tenhamos a pretensão de respondê-las aqui a contento, pois fugiria de nossa proposta.

No contexto da virada do século XIX para o início do XX, os negros(as) criaram estratégias para burlar o racismo e garantir a sobrevivência e a conquista de lugares de prestígio social, inclusive exercendo funções correspondentes a de um intelectual à época como foi o caso de Manuel Querino. Vale lembrar que o uso do termo intelectual estava em processo de difusão na França. No Brasil, as elites intelectuais eram compostas por indivíduos de origens sociais e formações diversas, sendo alguns de origem das camadas mais pobres. O uso do termo intelectual talvez não seja o mais adequado para se referir a esses indivíduos que eram conhecidos como homens de letras e homens de ciência (SCHARCZ, 1996, p. 26).

O caso de Manuel Querino nos mostra que havia entre aqueles indivíduos que compunham as elites intelectuais do país, homens de cor, atuando como escritores, poetas, jornalistas, professores, políticos e outras funções. Muitos deles não tiveram o reconhecimento de suas produções na época em que viveram, mas são tratados por pesquisadores e autores atuais “conforme o termo tem sido construído pelos movimentos negros no Brasil, como marca da escravidão africana e de reivindicação identitária” (SCHULER, 2013, p. s/n).

Segundo Schuler,

A análise da trajetória de Manuel Querino nos evidencia que, apesar da violência da escravidão, das discriminações raciais e das interdições legais à escolarização de escravos e libertos ao longo dos Oitocentos, os intelectuais negros estiveram presentes na disputa entre os vários projetos políticos de educação e de reformas sociais no processo de abolição e no pós-abolição. (SCHULER, 2013, p. s/n)

Schuler apresenta dados resumidos da formação e trajetória intelectual de Querino, “compreendendo-o como intelectual e educador, formulador de projetos de reformas sociais e de educação nos anos de 1870 a 1923” (SCHULER, 2013, p. s/n). Schuler afirma ainda que Querino foi um “intelectual que teve sua militância em favor do africano, do negro, do operário, voltado para a valorização do trabalho como importante instrumento de desenvolvimento do país, amante das artes” (SCHULER, 2013, p. s/n).

O uso do termo “intelectual negro”, tal como é pensado na atualidade, no sentido adotado por Schuler para se referir a Querino necessita ser melhor discutido. Embora existam características próximas entre o intelectual Manuel Querino e o intelectual negro contemporâneo, no que se refere ao combate ao racismo, vínculo a grupos de compostos por negros, na medida em que são produtores de artes, ciências, políticas e de ciência na perspectiva da população negra. Porém, não podemos esquecer que o negro do final do século XIX não é o mesmo da segunda metade do século XX, a sociedade brasileira não é a mesma, o racismo não é o mesmo.

Acreditamos que colocar o termo “negro” antes de “intelectual” seja mais adequado no caso de Querino, se tomarmos como referência a proposta de Oliveira de distinguir o “intelectual negro” do “negro intelectual”. Querino se identificava com os seus ancestrais africanos. Isso pode ser observado em suas obras, na preocupação que esboçou com relação ao registro dos usos e costumes africanos, na defesa da participação destes na constituição da cultura

e da sociedade brasileira, dentre outros temas. Esse vínculo se manteve independentemente das ocupações que teve e dos lugares de prestígio ocupou na sociedade baiana. Antes de ser, artista, professor, jornalista, político, historiador, dentre outras denominações, Querino era um “negro livre”, e viveu parte significativa de sua vida numa sociedade escravista. À medida que passou a ocupar esses espaços, se aproximando das elites políticas, intelectuais na Bahia, Querino não virou as costas ao povo negro. Por tanto, a sua origem étnica é um dado que deve vir antes de sua intelectualidade.

## CONSIDERAÇÕES

Nesta reflexão empreendemos tratar do conceito de intelectual, dando ênfase principalmente quando este é atribuído a pessoas negras que exerceram ou exercem funções intelectuais. Tomou-se por base um conjunto de autores que compõe as referências básicas sobre o tema, identificando as principais contribuições para o debate sobre a necessidade de repensamos algumas práticas cunhadas nas relações entre os indivíduos nas instituições e nos espaços de produção intelectual candente.

O conceito de intelectual no sentido mais amplo e intelectual negro(a), bem como de negro(a) intelectual e negro-intelectual são instrumentos que auxiliam na busca de ampliação da compreensão do papel destes indivíduos na esfera pública, em diversos espaços e instituições no âmbito da cultura letrada em cada contexto histórico e produções acadêmicas, científicas, artísticas, literárias, cultural etc. Mas é necessário levar em conta que o conceito de intelectual deve ser utilizado, definido e contextualizado apropriadamente. O pesquisador não deve perder de vista a diversidade de sujeitos singulares que podem ser chamados de intelectuais. Obviamente o fato de receberem este título não significa que são iguais, que exerçam as mesmas funções ou que não sejam indivíduos capazes de produzir discursos que por vezes podem se distanciar das próprias práticas sociais revelando contradições. Esses conceitos devem ser ativados na medida em que contribuam para a compressão de processos relativos aos intelectuais, mas sem aprisionar os sujeitos em questão operando conceito como um rótulo. Boa parte dos intelectuais agrega em torno si e em sua trajetória de vida características que cabem em várias acepções que o termo ganha na literatura. E levando em conta o contexto histórico e as questões que movem o estudo talvez seja mais acertado usar outro termo equivalente, como professor, homens das letras ou homens da ciência como é o caso de Manuel Querino. Encarando sua produção no seu tempo esses termos seriam mais adequados que o termo intelectual para nos referirmos a ele, mas pensando no lugar que sua produção intelectual ocupa hoje na academia, encará-lo como negro intelectual é uma forma de tensionar no sentido de desconstrução de imagens negativas construída, de desfazer os efeitos de interdições a estes escritos.

Portanto, compreendemos que o termo intelectual é uma construção histórica, cultural fortemente influenciada pelo pensamento etnocêntrico e tem relação também com os mecanismos de legitimação do poder de fala de um indivíduo ou grupo social, no âmbito social. Fala que pode estar alinhada a defesa de um projeto cosmético, calcado em princípios universais ou em ideologias usadas como dispositivos para a manutenção de uma ordem social, política, econômica que beneficia uma pequena parcela da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BOBBIO, N. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Trad. & Org. Roberto Machado. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LOPES, Nei. Dicionário escolar afro-brasileiro. São Paulo: Selo Negro Edições, 2006.

MAZRUI, Ali al-Amian. *et.al.* Tendências da filosofia e da ciência na África. In: MARUI, Ali al-Amin; WONDI, Chistophe (ed). História geral da África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.

OLIVEIRA, E. R. Negro Intelectual, Intelectual Negro ou Negro-Intelectual: considerações do processo constituir-se negro-intelectual. 2014. 205f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de São Carlos – UFSCAr. 2014.

SAID, E. Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHULER, Alessandra Frota Martinez de. “Fazer artes e viver de ofício”: trabalho, liberdade e educação no pensamento de Manuel Querino (1851-1923). In.: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e Diálogo Social, Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013.

SANTOS, S. A. dos. Movimentos negros, educação e ações afirmativas. 554 f. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) -Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SILVA, R. F. da. Trajetórias de dois intelectuais negros brasileiros: Abdias Nascimento e Milton Santos. 2010. 233f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. 2010.